

O EDUCADOR – HOJE

No mundo de hoje, na nossa cultura, dadas as características com que o fomos construindo, falar da Educação, sob qualquer prisma que seja, leva-nos necessariamente a ter de focar a relação pedagógica que se estabelece entre o educador e o educando e, dentro dela, a ocuparmo-nos muito do papel de educador. Apeteceria dizer, não fosse muito grande a vontade que na Educação, o verdadeiro sujeito seria o Educador.

Do dirigismo-obediência passiva que foi a forma que aquela relação tomou nos longos séculos das Idades Média e Moderna, passou-se à acção potenciadora pelo educador das virtualidades próprias de cada educando, num processo cada vez mais técnico e especializado. Esta concepção da relação pedagógica, que é hoje a nossa, corresponde às aquisições culturais que vêm caminhando no sentido da afirmação do indivíduo e da construção da sua personalidade.

Dignifica a nossa cultura a concepção que hoje temos da vida humana, individual, ímpar, criadora, responsável, insubstituível. Longe fica, sob o ponto de vista teórico, a profunda imersão do indivíduo nos quadros sociais que dominavam a sua conduta, a sua mundivisão e o definiam. A cultura do Ocidente, hoje, projecta para os que nascem nela e até para toda a humanidade, dada a sua vocação universalista, a possibilidade de, ao longo das suas vidas, se irem assumindo como pessoas. E a sua história, a história do Ocidente ilustra, aliás, a crescente preocupação pelo aperfeiçoamento da educação, não fosse ele o depositário e continuador daquele golpe de asa que no céu azul da Ágora, promoveu a reflexão crítica do que se sabe e a que se chamou *filo-sofia*, demonstrando a seriedade de tal prática que, quando aplicada à educação, dá pelo nome tão nosso conhecido de Pedagogia. À disposição desta tarefa fundamental e altruísta, a sociedade põe meios sofisticados: a reflexão filosófica, a ciência, a técnica, a arte. Espelho desta evolução a sociedade civil tem vindo a assumir paulatinamente a função da educação depois de grandes polémicas com os poderes religiosos e de tensões entre os poderes públicos e entidades privadas. E, assim, as dotações orçamentais dos governos têm em cada vez maior atenção o mundo da educação e, sem dúvida, que este melhora de qualidade, com estruturas cada vez mais apetecíveis, mais acessíveis, mais generalizadas e o estatuto do

educando aperfeiçoa-se como também, porque não dizê-lo, o do educador. Embora não se tenha atingido a perfeição – por definição inatingível –, pensa-se nela.

Os resultados obtidos nesta função social são gulosamente levados para o campo das estatísticas e são arvorados como bandeiras de triunfo ou de derrota no vasto campo dos interesses político-partidários. É que, por mais altruísta que seja a concepção que preside à tarefa da educação, esta processa-se, porque humana, no campo das ambiguidades. Esta ambiguidade passa por, também, em que propondo hoje como ideal a autonomia do indivíduo, a sua afirmação como pessoa, a sociedade evolui igualmente para um refinar dos meios que o integram no social pela difusão cada vez maior daquilo a que simplistamente poderemos chamar sociedade de consumo. E a sociedade de consumo, tanto ao nível de instrução generalizada, como de qualquer produto, massifica o indivíduo e, por massificado, entendemos aquele que se esquece de atender à sua individualidade que exige a ascense de se encontrar a si próprio e se contenta em ser tal e qual o que os outros são. A consciência disto fará o poeta António Machado cantar: «*Desperta cantores /Acabem os ecos /Oçam-se as vozes.*».

Longe vai o tempo em que eram os sistemas políticos que impunham a normalização da sociedade – de braço dado com os poderes religiosos ou, mais próximo de nós, de braço dado com ideologias de cariz nacionalista ou socialista. Esses processos foram-se esboroando como sabemos, nas revoluções liberais do século XIX e nas recentes derrocadas estentóreas do Leste Europeu; hoje ela é feita por meios mais subtis. Correspondendo aos valores hedonistas que enformam a nossa mundivisão assiste-se à atomização de valores e multiplicidade de modelos que a rapidez característica da nossa época e o império das modas provocam. Este facto, se por um lado permite a afirmação da individualidade por obrigar a uma maior consciencialização acerca do que se quer ser e de como se está a querer ser, e por outro, o desamparo que a dispersão de propostas, por desintegradas, pode suscitar, leva à procura do refúgio no gregarismo, na imitação, no atordoamento. E é por isso que me parece hoje em dia cada vez mais necessária a instrução, aquela instrução que torna a conceptualização possível, numa certa fuga ao poder sedutor e fácil das imagens, pois é ela que permite alargar o campo da nossa consciência e levar os nossos olhos a horizontes cada vez mais amplos que nos façam sair da pequenez do que nos é imediatamente oferecido e a que a noção da criatividade mal entendida pode conduzir. Sintomático deste perigo, a crise pela qual passa certa cultura hodierna, presa às aventuras interiores dos seus autores que, de

interessante, só têm a necessidade de se descreverem, o que é saudável, mas que não deveriam ser publicitadas por excessivamente «iguais» ou «normais».

Encontra-se hoje a civilização num estado crescente de complexidade em que a multiplicidade de profissões responde às necessidades sociais, assegurando-lhe a coesão precisa à sua existência e a eficácia no domínio do ambiente. Pertencente ao contexto social, não escapa o educador a este processo e ele assume hoje o carácter de profissional especializado porque também o saber teve uma evolução idêntica – de simples e mágico e das mãos dos bruxos e sacerdotes passou para um público mais alargado e laico, o que, com o aperfeiçoamento das técnicas de registo, provocou uma acumulação do saber, que, atingindo uma enorme vastidão, obrigou à especialização sob pena de não progredir.

Educador, profissional especializado é, pois, a realidade a que hoje chegámos.

Como educador é-lhe pedido que seja um criador de personalidades, entendendo-se por personalidade a autenticidade pessoal assumida naquele processo de vaivém em que consiste a estruturação da pessoa que vai buscar ao social desumanizado os ingredientes que lhe permitem humanizar-se, ou seja, definir-se como pessoa ímpar e tão radicalmente original que é insubstituível, tarefa difícil, tarefa de uma vida. É este o estágio a que chegou a reflexão pedagógica no nosso mundo ocidental, na aplicação que faz das filosofias que lhe presidem. Pensa-se hoje o ser humano em termos concretos de vida pessoal, derivando da condição histórica do indivíduo no sentido de que viver é ter de *fazer* algo, inexoravelmente, com a necessidade de determinar o que fazer – isto ou aquilo – portanto de *escolher*, o que fez alguns filósofos concluírem que nós, os humanos, somos *livres* à força, não obstante a condicionante do nosso circunstancialismo (espaço, tempo, genes, proveniência socioeconómica, etc.). Esta fatalidade de afazer e de escolher confere à vida o carácter de *drama* e implica uma meta que parte de uma realidade; esta é aquele fundo insubornável que cada um descobre em si e dá pelo nome de *eu*, o eu que anseia por vir à luz e que interpela chamando à sua consecução. Esta consecução vai-se conseguindo à medida que se vai vivendo autenticamente a sua vida pessoal num processo de descoberta e fidelidade. É-se, com efeito, chamado, *vocacionado* a ser-se si próprio. É esta a vocação radical do ser humano – *realizar-se* – e, para isso, tem cada um de nós, pessoas, de se conquistar a si. O processo vocacional comporta avanços, recuos, conquistas, erros, correcções porque o homem não tem «natureza», não tem inscrito em si

a sua conduta; é imprevisível. O processo vocacional pressupõe afinco e entusiasmo por si próprio. Originará um poema que conta:

*Um ano mais não é quantidade
mas qualidade na estima
(...) um ano por uma vida
este fruto singular de sonhar em pleno mar
sem naufragar
nadar, nadar sempre
em direcção ao mais além
da possibilidade (...)*
(J. Herrero, «Poemas Inéditos»).

A consecução do projecto pessoal de vida autêntica é sinónimo da felicidade, esse impossível necessário referido por Ortega y Gasset que também a compara à agulha da bússola que, ao mais leve desvio do Norte procurado, estremece, indicando que se vai por caminho errado.

Mas o educador sobre quem desce esta proposta pedagógica tem, como profissional, de responder às exigências do social que não têm a ver necessariamente com a vocação radical do ser humano que é do foro do estritamente pessoal, sem fórmula para se realizar. Pelo contrário, as profissões são conjuntos normativos de conduta que pré-existem ao indivíduo, modelos a que ele tem de se adaptar e que pode satisfazer de um modo mais ou menos excelente; mas são-lhe impostas e é por isso que tanto se ouve suspirar pelo tempo da reforma da profissão como um tempo em que vai finalmente fazer-se o que corresponde ao gosto pessoal. Ora este ouvir suspirar pela reforma é-nos «natural» e pacífico, enquanto o ouvir suspirar pelo fim da vida nos aflige porque é sinal que o «drama» virou «tragédia» para quem tem consciência de que não é afinal quem queria ser porque se encontra «vendido» a «outrem» que não é o seu eu autêntico. Quem não se lembra do *Citizen Kane* do Orson Welles frente à palavra mágica do «Rosebud»?

Ao educador profissional é-lhe pedido também pela sociedade de hoje que seja especialista, ou seja, é-lhe exigida a sabedoria em aspectos cada vez mais restritos da sua actividade. Equivale isto a dizer que pedimos ao educador que faça a síntese entre a vocação que responde às exigências únicas, pessoais, com as exigências sociais e ainda que faça a síntese do especialismo se não for integrado com a globalidade que a vida humana é. Com efeito, o especialismo,

não serve a vida humana. Um velho pensador chinês do século IV a.C. já se perguntava: «Como poderei falar do mar com a rã, se ela está presa na sua charca? Como poderei falar do gelo com o pássaro do Estio se ele está retido na sua estação? Como poderei falar da Vida com o mestre se ele estiver encerrado na sua doutrina?» Aliás, a interdisciplinaridade hoje exigida pela cultura, mais não é do que o reflexo do facto do especialismo, por si só, não resolver o problema da vida.

Além disto, o educador profissionalizado é a referência mais integral e mais integradora que os educando têm. Para tal contribui o processo de desadaptação das estruturas tradicionais de enquadramento – a Igreja, a Família, a Escola -, a substituição dos valores e ideologias por modas que são por definição efémeras e ainda a invasão dos meios de comunicação pelas imagens e sons que convidam sobretudo às emoções que, se não forem educadas, provocam a desestabilização. Por isto, de grande responsabilidade e dificuldade é hoje em dia o papel do educador, mas simultaneamente de grande riqueza e interesse.

Para enfrentar tamanha tarefa tem o educador, felizmente, à sua disposição grandes meios, dos quais o primeiro será a possibilidade de, no exercício da sua profissão, *responder à vocação básica* de todo o ser humano que é a de fazer a sua vida a sério, ou seja, a fazê-la *autêntica*. Para começar, ser educador é ter de se educar a si próprio, o que o integra na cultura do nosso tempo. Dizem os que sabem que nós, os portugueses, não temos filosofia, no sentido dos grandes sistemas lógicos; mas que temos uma mundivisão encerrada na poesia lírica que é a grande distinção da nossa cultura, por isso não será demais recorrer aos poetas para nos guiarmos dentro da selva das ideias. Assim, lendo uma ode de Ricardo Reis, um dos heterónimos do nosso omnipresente poeta, podemos encontrar a concepção filosófica da pessoa humana tal qual a definem certas filosofias contemporâneas: é a acção de que se é autor e consiste na esforçada conquista de se distinguir da realidade que lhe permite atingir a sua condição pessoal e em que, simultaneamente, corre o risco de se afogar. «*Nunca a alheia vontade, inda que grata, /Cumpras por própria. / Manda no que fazes, /Nem de ti mesmo servo. /Ninguém te dá quem és./ Nada te mude./Teu íntimo destino involuntário/Cumpre alto./ Sê teu filho.*»

Para poder incitar o «outro» ao gosto pela vida, própria, sua, autêntica, tem o educador de levar a sua tão a sério que a não desperdice ou desvirtue, calando em si a sua verdade. Quem pode criar personalidades, se não criar a sua?

«Ensinar e ser – antes de tudo ser» preconiza Sebastião da Gama, o pedagogo do *Diário* cuja leitura anda arredada dos nossos agentes de ensino a quem é hoje pedido que também sejam educadores. E, no entanto, a sua leitura deveria de ser guia para os que andam nas lides da educação e do ensino porque a sua pedagogia corresponde à pedagogia do nosso tempo e a realidade de onde parte é a nossa – os portugueses – e a linguagem que usa é a nossa – o português – e a cremos que a linguagem divulga uma concepção do mundo então veríamos relatado nele, o nosso mundo. Daqui faço pois, um apelo aos modeladores dos *currícula* dos cursos superiores de educação e dos estágios de educadores e professores o seu uso porque o que lá se aprende é a base que deve *animar* todos os processos de ensino e de educação hoje em dia em voga porque lhes pode dar «alma». E a alma da educação hoje está, mais do que nas técnicas e nos saberes especializados, na personalidade educada do educador e na relação que estabelece com o educando.

Com efeito, o trabalho do educador exerce-se fundamentalmente na relação que estabelece com o educando que é a da *convivialidade* assente na dupla exemplaridade-docilidade; a exemplaridade não é a imposição de modelos, mas a sugestão que a qualidade derrama e faz apreender algo de um modo pessoal; a docilidade não é a passividade ou cópia, tão-só aquela capacidade de deslumbramento perante qualquer coisa que é oferecida e que se adopta num processo de integração própria. Poder-se-ia evocar a aprendizagem do andar que o menino faz, quando, tonificado pelo que vê começa a dar os seus passos, indo para onde o leva o seu querer. Mas, para que a relação educacional seja verdadeira, tem o educador de ter uma personalidade estruturada. Para tal tem ao seu serviço a arma poderosa do pensamento conceptualizado cujo exercício anda um pouco esquecido por toda a parte. Hoje, vive-se sobretudo de impressões. Descartes disse um dia que porque pensava existia; três séculos depois, naquela integração de saberes que os filósofos fazem, Ortega y Gasset concluía que porque existia, pensava, colaborando numa revolução com repercussões éticas ao colocar *o pensamento em função da vida*. Pensar é, «não tomar as coisas isoladamente, como se não tivessem nada a ver umas com as outras, mas tratar de buscar as suas conexões, os nexos que as articulam numa realidade coerente»; será prender o «real» em ideias, conceitos *que des-cobrem* o sentido das coisas porque revelam o modo como se relacionam. A conceptualização permite a compreensão das coisas; talvez o pensar esteja hoje desvalorizado no nosso ensino todo entregue ao mundo dos audiovisuais que

encantam e seduzem mas cuja fluidez pode levar à facilidade daquilo que se *olha sem se ver*.

Esta faculdade de pensar é tonificada, tanto pela necessidade que o viver com autenticidade suscita como pelo estudo; é hoje requerido ao educador que se aproprie das ideias que nos põem à altura dos tempos e que não desbaratam o que já ficou para trás. É que as ideias, seja qual for a forma da sua expressão, correspondem a necessidades reais do ser humano, são soluções que se arriscam para a salvação do eterno náufrago que é o homem no seu viver, sempre à beira de soçobrar, esbracejando para não sucumbir – não é a vida uma acção dramática, não é o homem um ser de cultura que cria o seu próprio mundo de referência e valores para se poder elaborar? O que é a cultura senão o sistema de ideias e de valores, de crenças e hábitos que o homem erige à medida que vive, precisamente para se sustentar na existência? Diferentes das crenças são as ideias-respostas vivas aos problemas concretos do viver – quando se integram de tal maneira na cultura passam a crenças de que ninguém duvida enquanto são suporte suficiente para se estar; quebrada a sua eficácia pelo próprio evoluir do tempo histórico (seja ele individual ou colectivo), abrem um vazio que exige preenchimento – surgem então as ideias e assim sucessivamente. As ideias surgem para algo, revelam-se hoje em dia, através dos meios mais variados, dada a capacidade de divulgação a que chegámos. Ao educador é pedido que não as consuma, mas que as frequente, atento, as integre, as estructure, porque elas revelam a realidade em que se move.

Na prática quotidiana a conceptualização tem a forma da *justificação* dos actos que constituem o nosso viver, as nossas escolhas. Justificar consiste em avaliar da justeza do que fazemos com o que queremos, com o que nos propomos e projectamos ser. Justificar significa dar *conta e razão* do que acontece, encontrar ajustado o que fazemos com o objectivo que nos propomos. Ao ajustar o que nos propomos à verdade que nos descobrimos, damos uma estrutura à nossa própria realidade e deixamo-nos da deriva que angustia e provoca neuroses. Não se faz esta estruturação facilmente; ela exige lucidez, vontade, empenho, alegria, entusiasmo, persistência. O entusiasmo significa etimologicamente estar possuído por um deus; estarmos possuídos pela responsabilidade da nossa vida, que maior empenho? Exige também a solidão, a assunção daquela solidão que advém do ser-se *único*, mas que permite a solidariedade autêntica, aquela que consiste em potenciar-se, ajudar-se, tolerar-se, alimentar-se reciprocamente, a que se chama *con-vivência* que na relação pedagógica é essencial. Ela corresponde à própria estrutura da vida

humana pessoal que é a realidade mais radical de cada um de nós, pois permite-nos dar conta de todas as outras realidades porque é ela que nos põe em relação com tudo. Daí, na filosofia ortegueana se dizer que a vida é por condição generosa; vai ao encontro *de*. Quanto mais realizada for a vida do educador, melhor entra em relação com o educando pois que interessado na sua própria realização, está também interessado na realização do educando e a partilha do mesmo objectivo é afinal a convivência. Conseguida esta, realiza-se o universo, no dizer longínquo de Platão.

Pensar em si, será pois, paradoxalmente, aquilo que importa ao educador na tarefa que escolheu para se realizar profissionalmente; pensar em si porque a função social que eleger para si é a única dentro do conjunto das profissões existentes que coincide com a vocação essencial do ser humano, que é ser pessoa que pressupõe a árdua tarefa de criar a sua personalidade. Ora como dizem os latinos, ninguém dá o que não tem e a bom entendedor, como são todos os aqui presentes, meia palavra basta...

Maria Teresa Pimenta

Publicado em Cadernos de Educação de Infância, nº 19, Agosto-Outubro de 1991